

Rubem Braga

Côr de Roma

RECEBO um cartão de um amigo que estava em Roma e agora está na Áustria; "Viena coberta de neve, gelada e tristíssima; morreria, como Modigliani, murmurando: *Cara, cara Itália!*" E então me surpreendo com saudades de Roma. O encanto da Itália está talvez no contraste entre a civilização tão antiga (a gente tem a impressão de que não pode cavar cacimba sem achar pelo menos a mão de mármore de uma estátua antiga) e essa vitalidade animal do italiano — o mais jovem e efusivo dos povos do mundo.

Lembro uma vez que fui comer um cabrito, no caramanchão de uma *trattoria*; era verão, e senti alguns pingos de chuva. Imediatamente, os garçons começaram a olhar para o alto, a estender as mãos e a gritar:

— *Piove!*

A moça da copa veio correndo, os seios redondos balançando sôbre a cintura fina:

— *Piove!*

O patrão veio, sua mulher gorda veio, três meninos vieram, todos olhavam o céu, faziam gestos:

— *Piove!*

E, na mesa ao lado, dois homens e uma mulher também se ergueram. E num instante todos os fregueses, até o cozinheiro e seus ajudantes, se puseram a gritar e a carregar pratos, toalhas e cadeiras, gritando e rindo, numa excitação animal, como pássaros assanhados:

— *Piove! Piove!*

Olhei para o céu: era apenas uma nuvenzinha gorda e pequena que deixava cair algumas gôtas de chuva, e que o vento não tardaria a levar para longe de nós. Sorri, divertido, negando-me a deixar a mesa, achando inclusive agradável receber na cara alguns pingos grossos daquela chuva passageira. Para os italianos,

entretanto, aquilo foi uma festa, um susto, um extraordinário *ballet* que durou dois minutos — e terminou para que os garçons pudessem trazer lá de dentro, sempre a correr, seus belos pratos de massas fumegantes.

★

A água — este é um dos encantos de Roma. Não há monumento, naquela cidade cheia de monumentos, onde a água não expande-se e cante; as bicas e chafarizes espalhados por tôda parte não se fecham nunca, a água está sempre jorrando, caindo, num desperdício soberbo. São incontáveis *fontane* nas esquinas, nos palácios, nos pátios ensombrados dos edifícios. Mulheres nuas, peixes, monstros e deuses, vasos de frutas gordas, anjos e animais, nessa montoeira de escultura de três milênios — tudo esplende e brilha entre jorros de água.

Paris é feita de ruas, avenidas, perspectivas; Roma é feita de escultura e arquitetura entre a sombra de árvores imensas. Daí a sua beleza grave; nunca se tem vontade de fazer um quadro a óleo, como em Paris, nem uma aquarela, como em Lisboa; Roma só pode ser bem contada em gravuras, tem massas e volumes, não côres.

Ou tem apenas uma côr, êsse rosa desbotado que se propaga aos nossos olhos, do alto do Píncio, em ondas de quarteirões, e que os mármore antigos parecem absorver.

Como esquecer uma tarde em um terraço da Piazza del Popolo, em que me sentei com uma amiga para tomar um vinho branco. Olhamo-nos: estávamos, os dois, de um rosa desmaiado, e tôda a gente que passava era rosada, na tarde morena de setembro... Tínhamos a côr de Roma.